

Potencial de compra sobe 14,98% entre 2003 e 2008

Pesquisa da FGV apontou redução da desigualdade de renda no País



Quase 32 milhões de pessoas entraram nas classes AB e C como resultado de políticas sociais

O potencial de consumo aumentou 14,98% entre 2003 e 2008 de acordo com pesquisa do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O crescimento foi calculado com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE sobre acesso a bens de consumo, a serviços públicos, condições de moradia e tipo de família. No mesmo período, 31,9 milhões de pessoas entraram nas classes AB e C, segundo o CPS.

Já o potencial de geração de renda familiar, o "do produtor", aumentou ainda mais. "O potencial do produtor subiu aproximadamente 28%", informou o economista-chefe do CPA, Marcelo Néri. Ele contou que se surpreendeu pelo consumo ter crescido menos que o potencial do produtor. A posse ou uso de celulares e computadores pelas famílias, que se expandiram grandemente no período, foram consideradas no estudo dentro do potencial do produtor, como investimento, e não como de consumo.

Também são considerados no cálculo do potencial do produtor a inserção no mercado de trabalho, o nível de educação dos membros das famílias, a família dos filhos em escolas públicas e privada e o investimento em previdência. De acordo com Néri, sementes plantadas na década de 1990, como a estabilização, as reformas e o aumento do acesso à educação, podem ter influído para o aumento do potencial de geração de renda pelas famílias.

De acordo com o estudo, a renda do trabalho explica 66,86% da queda da desigualdade entre 2001 e 2008. O programa Bolsa Família responde por 17%, a renda de previdência 15,72% e transferências privadas por 0,50%. No período, os 10% mais pobres da população brasileira tiveram aumento de renda de 72,45%, enquanto para os 10% mais ricos, esse crescimento de renda foi de 11,37%. O restante da população, também dividido em grupos de 10%, mostrou maior alta da renda quanto mais pobres eram. Para Néri, esta é a década da redução da desigualdade de renda.

O economista-chefe considera a renda do trabalho superior a de transferências governamentais até para a satisfação pessoal de quem recebe. Dentro dos programas sociais, porém, defendeu o Bolsa Família como o melhor para reduzir a desigualdade porque atinge realmente os mais pobres. Ele classificou o mercado interno e o Bolsa Família como dupla de ataque contra a crise: "O Pelé é o mercado interno e o Tostão é o Bolsa Família."

Segundo pesquisa do CPS, o Bolsa Família beneficia principalmente a classe E, enquanto o reajuste do salário-mínimo é melhor para a classe D e a previdência, para a classe AB. Ele declarou-se contra o aumento permanente do salário-mínimo como o governo pretende fazer com a consolidação das leis sociais.